

CAPA

QUEM QUER SER PRESIDENTE?

CERCADO POR TUCANOS DE VELHA CEPA, O GLOBAL LUCIANO
HUCK TENTA PROJETER-SE COMO O ANTI-BOLSONARO PARA 2022

por THAÍS REIS OLIVEIRA



"A gente precisa voltar a pensar no mundo real. Nas pessoas. No povo de carne e osso. O povo quer saber como a vida pode melhorar de verdade. É só isso." Em 9 de setembro, estas exatas palavras arrancaram uivos e aplausos de uma plateia de empresários. Estranho entusiasmo em um país no qual a elite minimiza as arbitrariedades de Jair Bolsonaro e apoia a destruição do Estado em nome das "reformas". Mais estranho ainda porque o discurso não saiu da boca de um "populista de esquerda", do tipo de gente desprezada pelos participantes do convescote. Quem proclamou a máxima foi o apresentador de tevê Luciano Huck. A claque que o saudou era composta majoritariamente de engratados, convivas em um evento

patrocinado por uma das principais revistas de negócios do País em um hotel caro na valorizada Zona Oeste de São Paulo. Esse tipo de contato tem se tornado comum. Ao longo deste ano, Huck estrelou 14 eventos para tratar de política. Falou a estudantes, empresários, governadores, publicitários, à comunidade israelita e à elite financeira internacional.

Acostumado a entreter o público nas tardes de sábado, o "bom-moço" da tevê brasileira não encontra dificuldades em empolgar a nova plateia. Nos debates agarra-se a uma bandeira normalmente erguida pelos movimentos progressistas: o combate às desigualdades sociais.

Os discursos repetem um esquema: o apresentador exhibe fotos e vídeos de personagens que conheceu nas gravações de seu programa *Caldeirão do Huck*, na Rede Globo. Cada uma das "histórias de vida" serve como premissa da defesa de um novo Brasil. Gosta de citar particularmente a trajetória de Pelé, pipoqueiro de Lagoa da Prata, no interior de Minas Gerais, que teve a casa reformada pelo apresentador graças a um abaixo-assinado com adesão expressiva na pequena cidade. Huck se disse tocado pelo destino do homem negro que, após 45 anos de trabalho e cujos avós foram escravos naquela mesma terra, não conseguiu comprar os itens de alvenaria mais básicos para o próprio lar. A história de Pelé foi atração da milésima edição do programa na Globo. Outra menção recorrente é à Coreia do Sul, um mito de progresso sustentado por certos liberais que se acreditam ilustrados. Segundo o senso comum, a Coreia superou a pobreza em menos de meio século por causa pura e simples dos altos investimentos em educação. Quem defende essa versão esquece de mencionar que os sul-coreanos foram bafejados pela generosidade dos programas dos Estados Unidos na luta contra o comunismo. Não se sabe se a Coreia capitalista teria tanto sucesso se não dividisse a mesma península com os temíveis irmãos do Norte. Mas

o que importa, não é mesmo? O sucesso sul-coreano baseado na meritocracia e no investimento em ensino emocional e Huck não iria desperdiçar. Em julho, o apresentador levou a líder de uma escola beneficente do Rio Grande do Sul para conhecer o sistema educacional do País, aventura citada em suas apresentações.

Conforme introduz essas histórias comoventes, Huck, ainda sem partido, mas de antiga ligação com o tucanato, conjectura sobre os caminhos para reunir um país dividido e polarizado. Faz um alerta enfático sobre o risco de o Brasil "implodir" sem políticas sociais eficazes. Sobre como os brancos ricos da Avenida Faria Lima são ineptos para discutir o racismo e as favelas. E de como é inadmissível que essas comunidades tenham se tornado mera paisagem. Embora faça discurso de candidato, ele não assume, porém, a pretensão de disputar a cadeira principal do Palácio do Planalto. Diz que seu protagonismo no debate apenas atende a uma "convocação geracional". Em outra incoerência, rasga elogios à agenda econômica do ministro Paulo Guedes, cujo resultado será o aprofundamento das desigualdades que tanto critica.

O desgaste de um governo que parece existir há décadas, e não meses, foi capaz de adiantar as especulações a respeito de 2022. Desde o fim da ditadura, nunca o debate eleitoral começou tão cedo. Huckle sua turma não fogem das circunstâncias. O centro devastado pelas últimas eleições e os tucanos saudosos dos anos FHC colocam as fichas no apresentador. "Dada a conjuntura, é um movimento inteligente e altamente competitivo. Ele pode ocupar e reorganizar esse espaço de centro, e desarticular um pouco a polarização. O Huck é um problema para Bolsonaro", avalia o editor Carlos Andreazza, integrante da turma que rechaça o lulismo, o petismo e o campo progressista, mas tem ojeriza ao bolsonarismo.

Embora tenha intensificado a articulação intra e extramuros, o apresentador evita perguntas mais diretas. Negou os pedidos de entrevista para esta reportagem, alegando que, embora ‘adore’ a *CartaCapital*, ‘por ora’ prefere não falar. Uma de suas últimas entrevistas sobre o assunto ocorreu em 2017, à *Folha de S. Paulo*. Naquela conversa, Huck repetiu sete vezes a palavra ética e três vezes a palavra “renovação”. De lá para cá, o tom mudou um pouco. Com o crepúsculo precoce do discurso antipolítico – diante do constrangimento provocado pelos *outsiders* que tomaram conta da República –, a necessidade de combater a pobreza e a desigualdade gritantes tem ganhado mais espaço na agenda do apresentador. Ele evita, entretanto, associações diretas com o que se convencionou chamar de esquerda no Brasil. Seus aliados dizem representar um projeto “liberal-progressista”.

Esse projeto é acompanhado de perto por um grupo de mentores e apoiadores alinhados aos ideais dos “pais fundadores” do tucanato. Além do próprio Fernando Henrique Cardoso, a quem saúda como uma das cabeças mais modernas do País, Huck é pajeado pelo economista Arminio Fraga, presidente do Banco Central no segundo mandato de FHC, e pelo senador Tasso Jereissati. Outro conselheiro oriundo das hostes tucanas é Paulo Hartung, ex-governador do Espírito Santo incensado na mídia pela “austeridade fiscal” implantada no último mandato. Os elogios entusiasmados no eixo Rio-São Paulo são vistos com ressalvas no estado. Para muitos economistas, Hartung pesou a mão no corte de gastos e deixou de lado o aumento da receita. “Esse desbalanço trouxe uma percepção de deterioração dos serviços públicos. Se fosse algo assim tão espetacular, ele teria defendido esse legado nas eleições de 2018, mas não se candidatou nem lançou um sucessor”,

avalia o economista Rodrigo Medeiros. Outro ponto levantado são as difíceis relações com ex-aliados políticos. “Não se deve confiar em político que nunca perdeu uma eleição”, ironiza Luiz Paulo Vellozo Lucas, do Cidadania, ex-prefeito de Vitória e ex-aliado de Hartung. Apesar de militar em campos simpáticos ao apresentador, ele vê com ressalvas o movimento em torno de Huck. “Não estou interessado em formar outro mito.”

O papel central de Hartung no plano é outro contrassenso para quem defende o combate à desigualdade. A austeridade no Espírito Santo foi aplicada à custa da paralisação de obras públicas e resultou na greve dos policiais e em uma séria crise na segurança. Ainda assim, Huck costuma chamar o ex-governador de “Senhor Miyagi”, o lendário mestre de Daniel San no filme *Karate Kid*.

No PSDB, a candidatura de Huck só entusiasma o entorno de FHC. Em primeiro lugar, o partido é hoje dominado pelo governador paulista João Doria, postulante ao Palácio do Planalto. “Não deve haver um movimento formal pró-Huck tão cedo, talvez em 2020”, avalia uma liderança do partido. O apresentador também tem boa interlocução com o DEM. O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, não perde uma oportunidade de elogiar o global. No campo partidário, o maior entusiasta de uma futura candidatura Huck é o ex-ministro Roberto Freire, filiado ao antigo PPS. As conversas com Freire começaram ainda no ano passado, embora Huck tenha declinado da filiação. Para atrair de uma vez por todas o apresentador, o partido abriu as portas aos movimentos de renovação

apoiados por ele. Trocou até de nome, mais ao gosto das *startups*: Cidadania. E aprovou, em junho deste ano, um estatuto que prevê, entre outras mudanças, um extenso normativo de *compliance*. Freire tem intensificado as conversas com o grupo mais próximo do global. Uma filiação, entretanto, só deve sair do papel às vésperas da eleição. Até mesmo para evitar um desgaste antecipado.

Huck tem tentado lustrar a imagem de *playboy* e ensaia uma aproximação com o campo popular. Essa virada, segundo fontes próximas à família, em muito se deve às conversas com o irmão caçula, o cineasta Fernando Grostein Andrade. Benquisto entre os setores progressistas, Andrade é diretor do documentário *Quebrando o Tabu*, cujas páginas homônimas no Facebook, Twitter e YouTube alcançam 11 milhões de fãs com conteúdo em defesa dos direitos humanos. O entorno do apresentador avalia que, desde o assassinato da vereadora Marielle Franco, houve um ponto de virada na percepção pública sobre a questão. De assunto para “esquerdistas” e “defensores de bandidos”, o tema passou a sustentáculo da oposição a Bolsonaro. O diálogo também se dá entre os políticos. Huck testa uma aproximação com Flávio Dino. Nos últimos tempos, o apresentador e o governador do Maranhão conversaram ao menos três vezes, sempre a pedido do primeiro. Um desses encontros ocorreu em julho, pouco depois de Bolsonaro ter tentado ofender Dino com a expressão “paraíba”.

O ENTORNO DE HUCK DEFENDE UM PROJETO “LIBERAL-PROGRESSISTA”, APESAR DAS CONTRADIÇÕES

MARCELO JUSTO/GLOBO, ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA, SEGUNDO TOMAZ SILVA/ABR, REPRODUÇÃO/MÍDIA SOCIAL, MARCELO CAMARGO/ABR E BEL PEDROSA

O CASTING DO APRESENTADOR

Quem é quem no projeto Huck

FHC

Mentor político e fiador da elite paulistana



ARMINIO FRAGA

Coordena o pensamento econômico



PAULO HARTUNG

O "Senhor Miyagi" é incensado pela mídia liberal



ILONA SZABÓ

A especialista em segurança pública e outros líderes do Agora! oferecem base técnica



ROBERTO FREIRE

De olho em 2022, moldou o antigo PPS à imagem e semelhança do apresentador



RODRIGO MAIA

O presidente da Câmara é o elo com a velha política e o Centrão



RENE SILVA

Fundador do maior jornal das favelas cariocas, tornou-se conselheiro



FERNANDO GROSTEIN ANDRADE

Cineasta faz a cabeça do irmão sobre direitos humanos e outros assuntos da pauta progressista



CAPA

O *entourage* concluiu ainda que a família Huck está cercada por “celebridades cozinhas”. O círculo de amigos mais próximos do apresentador inclui Ivete Sangalo, Márcio Garcia, Juliana Paes, Neymar e Preta Gil, nenhum dos quais famoso por erguer a voz em defesa dos mais pobres. Ao contrário. A uma outra amiga mais engajada, a apresentadora Paula Lavigne, mulher de Caetano Veloso, Huck abriu o jogo sobre a ambição. Uma das principais articuladoras políticas na classe artística – em 2018, o apartamento no Rio de Janeiro no qual vive com o cantor foi palco de animados jantares com Guilherme Boulos, Ciro Gomes e Fernando Haddad –, a empresária exerce influência sobre uma parcela de estrelas cuja adesão a um eventual projeto Huck é incerta. “Muito chato ouvir as pessoas pirando, falando que Luciano é de direita, as pessoas deliram”, reclama. Desde a primeira incursão do apresentador, ela o aconselha a desistir da ideia. “Eu digo que ele não merece essa chateação.” Não seria o momento oportuno para um candidato como ele?, pergunto. “Como amiga sou contra, como cidadã sou a favor.”

Na busca por um eleitorado mais amplo, Huck foi aconselhado a baixar o tom nos ataques a Lula e ao PT. Críticas muito abertas, avaliam interlocutores, poderiam minar o apoio do petismo em um eventual segundo turno contra Bolsonaro ou outro nome da mesma cepa. O apresentador esforça-se como pode. Os elogios são pontuais e sempre acompanhados de um contraponto. Há cerca de dois meses, Huck percorreu os grotões do Piauí ao lado do humorista Whindersson Nunes, cujo canal no YouTube reúne 37,4 milhões de fãs. A dupla visitou a cidade natal do jovem, a paupérrima Bom Jesus do Piauí. Ao rememorar aquela aventura no palco de um encontro com empresários em



O passado me condena? O apresentador apagou as fotos com os velhos amigos Joesley Batista, Sérgio Moro e Aécio Neves



São Paulo, em 25 de outubro, fez menção a Lula. “Quando você vai para os vilarejos ali, você entende, com todo o respeito, o Lula é muito respeitado ali. Quando você chega em Bom Jesus do Piauí, você chega na casa do seu João e tem um fio que veio de longe pra caramba, uma geladeira que ele não tinha, uma cisterna que custou 3 mil reais e trouxe água que ele não tinha também, a família tem 180 reais do Bolsa Família porque não tinha renda nenhuma. Bem ou mal é o Estado e a política pública que chega na ponta.” Mas contemporizou: “Obviamente, muito da política que veio da dona Ruth (Cardoso). Tem uma herança de dois governos que trabalharam de forma contínua em projetos de proteção social.”

Para entender os anseios da população negra e pobre, Huck escora-se no jornalista Rene Silva, morador do Morro do Adeus, no Rio de Janeiro, e criador do *Voz das Comunidades*, principal veículo de comunicação das favelas cariocas. A proximidade da celebridade com a desigualdade e seus temas correlatos é mesmo recente. Fizeram a cabeça do apresentador um tucano e um petista: o advogado Beto Vasconcelos, ex-secretário de Justiça na gestão Dilma Rousseff, e Humberto Laudares, cientista político ligado ao PSDB, ambos integrantes do Agora!, movimento cívico do qual Huck é doador. As primeiras conversas começaram em 2017. “Ele parecia muito distante do tema, mas genuinamente disposto a



entender”, lembra Vasconcelos, que deixou o grupo pouco depois de a coordenação do Agora! impedir que o grupo marcasse posição contra Bolsonaro no segundo turno. Uma reportagem da época atribuiu a jogada ao global.

Os movimentos da “nova política” seriam os pilares de um Plano Huck em 2022. O Agora! oferece o suporte técnico e intelectual ao apresentador. Seus fundadores, a especialista em segurança pública Iлона Szabó, o cientista político Leandro Machado e o advogado Ronaldo Lemos, compõem a linha de frente do apoio à candidatura de Huck. O núcleo mais alinhado ao apresentador, aliás, tem ganhado espaço. Recentemente, Fraga e Hartung foram incorporados ao conselho consultivo.

Ao RenovaBR caberia o esteio político. O movimento fundado pelo empresário Eduardo Mufarej opera como uma “fábrica de políticos”: fornece bolsa e educação a novatos que queiram migrar para a vida pública. Neste ano, formará 1,4 mil possíveis candidatos em 445 cidades diferentes, dez vezes mais que em 2018. Quando Huck desistiu de disputar a eleição que elegeu Bolsonaro, pesou a falta de uma estrutura robusta o bastante para dar sustentação à candidatura. O desempenho dos formados do movimento nas disputas municipais de 2020 será o grande termômetro de sua viabilidade eleitoral.

O figurino de renovação não cai, no entanto, bem ao apresentador. Em 2002, Huck fez parte de um grupo que elaborou uma “agenda jovem” e propostas de governo para José Serra. Em 2007, vítima de um assalto à mão armada que lhe custou um Rolex, escreveu um texto para a *Folha de S. Paulo* no qual evocava o Capitão Nascimento, truculento protagonista do filme *Tropa de Elite*, em defesa de uma solução dura para a violência urbana. Seu amigo mais próximo

no PSDB era Aécio Neves, para quem fez campanha aberta em 2014. Naquela época, Huck votou vestindo uma camiseta azul estampada com o mote da campanha do peessedebista, “Muda Brasil”. Com um adesivo do número 45 grudado no pulôver, acompanhou ao lado de Aécio a apuração do segundo turno (e o desencanto com a derrota). Em 2016, no calor dos protestos pelo *impeachment*, foi vaiado durante uma partida de vôlei no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. À época, atribuiu o ocorrido ao clima político do País. A relação entre Huck e Aécio esfriou depois de o hoje deputado ter sido alvejado pela Operação Lava Jato. Huck apagou as fotos que tinha com o ex-amigo na internet. Repetiu a tática com Joesley Batista e, mais recentemente, com o ministro Sérgio Moro, cuja moral tem

minguado conforme ficam claros sua conivência com os excessos de Bolsonaro e sua parcialidade no julgamento de Lula, conforme as revelações da Vaza Jato.

Huck, não se pode negar, fez fama e fortuna explorando as agruras do Brasil abandonado pelo Estado. Depois de uma passagem por colunas sociais e agências de publicidade, estreou como apresentador nos anos 1990, cercado de assistentes de palco seminuas. Estreou na Globo em 2000 com o *Caldeirão do Huck*, programa que comanda até hoje e cujo eixo central reproduz o que há de mais velho na tevê. O apresentador reforma carros e casas, turbina pequenos negócios, ajuda parentes a se reencontrarem, organiza casamentos e oferece dinheiro. Sempre com o patrocínio de marcas. Chega a visitar três estados por semana

O APRESENTADOR RENEGA A IMAGEM DE PLAYBOY E FLERTA COM MOVIMENTOS SOCIAIS



João Doria, por ora, é o dono do PSDB

CAPA



atrás de histórias e personagens. Mais recentemente, essas andanças têm sido festejadas como a oportunidade de mostrar “um Brasil profundo” e inspirar cidadãos a mudar essa realidade. No balanço das mil edições de seu programa, festejou a chance de conhecer “um outro Brasil, um Brasil profundo, um Brasil bem diferente daquele que a gente conhecia” e de usar o alcance da tevê aberta no Brasil para “inspirar as pessoas”. Soou como campanha eleitoral.

A Globo sustenta que, caso o funcionário venha mesmo a disputar votos, as portas da casa se fecharão definitivamente. O mesmo valeria para Angélica, candidata a “primeira-dama”. O futuro dela na emissora é incerto. Os preparativos para um novo programa estão em ponto morto até que se esclareçam as intenções do marido na política. Sem espaço na grade desde o ano passado, Angélica tem feito participação especial na novela das 21 horas como apresentadora de um programa culinário. O casal vai mesmo se arriscar?

Decida ou não ser candidato, Huck é quem mais habilmente tem mobilizado o próprio capital político. O PT ainda es-



Paula Lavigne sobre a candidatura: “Como amiga sou contra. Como cidadã, a favor”

pera a libertação de Lula. Flávio Dino é um nome promissor, mas com muitos obstáculos pela frente, a começar pelas limitações do PCdoB. Guilherme Boulos continua no páreo, embora esteja ciente da longa estrada pela frente. Ciro Gomes optou por um caminho distante do petismo, na expectativa de conquistar um eleitor que recusa tanto o lulismo quanto o bolsonarismo. O prescindível do PDT tem sido o único a vol-

O global queria esta praia só para ele. Não conseguiu

tar suas baterias em direção ao apresentador. Segundo ele, Huck é “estagiário”, sem experiência na política, apesar de bem assessorado. Ironizou ainda a incoerência entre a defesa do combate à desigualdade e os elogios a Paulo Guedes. “Toda declaração ele fala assim: ‘A política econômica está correta’. Depois começa a falar que o País tem desigualdade, como se a desigualdade não fosse produto daquilo que ele defende.”

Em um país cuja metade da população vive com pouco mais de 400 reais por mês, a tevê dá a Huck um palanque sem comparação. A socióloga Esther Solano, professora da Universidade Federal de São Paulo e colunista de *CartaCapital*, tem entrevistado bolsonaristas arrependidos e ex-eleitores de Lula. E destaca a simpatia a Huck, especialmente entre os mais pobres. O apresentador, conta, é visto como um *outsider* que coleciona sucesso nos negócios e na vida pessoal. No momento em que a fatia mais vulnerável amarga os efeitos da crise e das políticas de Bolsonaro, outro fator tem se sobressaído. “Uma ideia que aparece muito é a de que ele se preocupa com os mais pobres, que é bonzinho, realiza os sonhos deles.” A programação da Globo alcança todos os dias 100 milhões de brasileiros. Seria o bastante para ocupar o espaço no imaginário nacional? “O potencial simbólico, político e afetivo de Lula é enorme, mas ele consegue dialogar com esse público que Lula conquistou”, observa Solano. Loucura, loucura, loucura! •

“HUCK PRESIDENTE” ANIMA BOLSONARISTAS ARREPENDIDOS E EX-ELEITORES DE LULA